

CURSO CASAIS:: CONSTRUINDO O CASAMENTO COM AMOR.

I. Tem que haver acordo!

“Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3.3)

No Velho Testamento, há livro do profeta Amós, há uma passagem interessante, cheia de sabedoria: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo” (Am 3.3). Originalmente, isto foi dito por Deus a Israel, mas aplica-se também aos casais. Para andarem juntos, compartilhando ideais, lutas e vitórias, em amor, os cônjuges precisam concordar.



Mas concordar em que? Certamente não têm que ter a os mesmos gostos e a mesma opinião sobre tudo e todos. Porém, há uma coisa básica sobre a qual precisam concordar. A concordância nesta área é tão essencial que, idealmente, deve ser decidida antes do casamento.

Em II Co 6.14-15, na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, lemos o seguinte:

“Não se juntem com descrentes para trabalhar com eles. Pois como é que o certo pode ter alguma coisa a ver com o errado? Como é que a luz e a escuridão podem viver juntas? Como podem Cristo e o Diabo estar de acordo? O que é que um cristão e um descrente têm em comum?”

Na versão Revista e Atualizada, lemos assim:

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?”

Se uma reação contrária já se esboça em sua mente, tenha calma... Nos meios evangélicos, esta passagem tem sido mal entendida e mal aplicada. Precisamos entendê-la no seu próprio contexto cultural e religioso; e depois, aplica-la ao nosso contexto.

Observe o seguinte:

1. Paulo está falando de uma sociedade ou união de pessoas, para algum propósito comum. Pode ser uma sociedade de duração média, para algum empreendimento importante; pode ser o casamento, que, idealmente, é para a vida toda.
2. O princípio que o apóstolo expõe nesta passagem é muito simples: o “crente”, por razão de sua fé e compromisso com Cristo, é uma pessoa diferente do “incrédulo”. Este, como o termo indica, não tem fé, nem compromisso algum com Deus e com Cristo. Sendo assim, “crentes” não devem associar-se ou casar-se com “incrédulos”.
3. Para ilustrar esse ensino, o apóstolo reporta-se a uma lei judaica do Velho Testamento, que proibia os lavradores de colocarem a trabalhar juntos, debaixo do mesmo jugo, animais diferentes como o boi e o jumento (Dt 22.10). Essa proibição tinha o duplo propósito de proteger os animais e tornar o trabalho mais produtivo. Animais tão diferentes como o boi e o jumento não deveriam ser colocados e amarrados sob um mesmo jugo ou canga; o “*jugo desigual*” seria ruim para ambos, e atrapalharia o trabalho.
4. Paulo escreveu aos “crentes” de Corinto: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos [...]”. Na seqüência, o apóstolo enfatiza a diferença que existe entre “crentes” e “incrédulos”. Ele usa termos opostos, comuns na Bíblia:
 - “*justiça*” e “*iniquidade*” (v.14b)
 - “*luz*” e “*trevas*” (v.14c)
 - “*Cristo*” e “*Maligno*” (v.15a)
 - “*crente*” e “*incrédulo*” (outra vez, no v.15b)
 - “*santuário de Deus*” e “*ídolos*” (v.16).

Antes de prosseguirmos com essa análise desse texto, precisamos fazer uma observação importante. Alguns poucos anos depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, seus discípulos foram chamados “cristãos” (At 11.26). Posteriormente, o apóstolo Paulo chamou de “*crentes*” as pessoas que, arrependidas de seus pecados, creram no Evangelho e receberam Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor; e de “*incrédulos*” os demais que não se

arrependeram e não creram no Evangelho e em Cristo. Naquela época, ou seja, no começo do Cristianismo, a distinção era muito clara. Os “*crístãos*” eram “*crístãos*” mesmo... Os “*crentes*” eram “*crentes*” de verdade... Usando as mesmas palavras que Paulo usou, podemos dizer que eles

- Praticavam a “justiça” num mundo cheio de “iniquidade”
- Eram “luz” nas “trevas” espirituais e morais do mundo
- Obedeciam a “Cristo”, não ao “Maligno”
- Eram “santuário de Deus” e adoravam a Deus, em contraste com a maioria, que adorava “ídolos”.

Com o passar dos séculos e o crescimento do Cristianismo, os termos “*crístãos*” e “*crentes*” perderam significado e força. Já não dizem muita coisa. No Brasil, por exemplo, somos todos ou quase todos “*crístãos*”; e todos somos “*crentes*” em alguma coisa, de algum modo. Hoje, neste país, predominam rótulos religiosos tais como “Católicos”, “Protestantes”, “Evangélicos” e “Espíritas”. Há também a absurda distinção “Praticante” e “Não Praticante”.

Assim sendo, a recomendação bíblica, “*Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos [...]*”, não significa: “Evangélicos, não vos ponhais em jugo desigual com os católicos...”, ou vice versa: “Católicos, não vos ponhais em jugo desigual com os evangélicos...” O sentido é muito mais profundo.

As dificuldades do “jugo desigual”.

Sabendo que, na Bíblia, os designativos “crentes” e “incrédulos” têm um sentido descritivo e não preconceituoso ou presunçoso ou ainda pejorativo, vamos voltar ao texto de II Co 6.14-15. Você notou os termos usados pelo apóstolo quando falou das dificuldades do casamento do “crente” com o “incrédulo”?

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto...

... que SOCIEDADE pode haver entre a justiça e a iniquidade?

... que COMUNHÃO da luz com as trevas?

... que HARMONIA entre Cristo e o maligno?

... que UNIÃO do crente com o incrédulo?

... que LIGAÇÃO há entre o santuário de Deus e os ídolos?

A resposta óbvia subentendida é: NENHUMA, para todos os itens!

Se um dos cônjuges leva Deus a sério, crê no Senhor Jesus, ama a família da fé e as reuniões da mesma, estuda a Bíblia e ora para viver de acordo com os seus ensinamentos, e o outro cônjuge prioriza o trabalho, o dinheiro e o lazer, e não o acompanha, não haverá sociedade, comunhão, harmonia, união, ligação. Será jugo desigual! Sem acordo!

Ainda está em tempo!

A aplicação primeira desta lição é para os “crentes” solteiros que desejam se casar. A palavra de Deus para esses é: “Não vos ponhais em jugo desigual [...]”. E isto por todas as razões expostas. Basta lembrar o texto que dá título a esta lição: “*Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?*” Acordo sobre Deus, Cristo, Bíblia, Oração, Igreja, padrões de vida cristãos... Não escolham o cônjuge pela aparência, pela posição social, pela riqueza, por mais importantes que estas coisas possam ser. Orem pedindo ao Senhor que coloque no seu caminho e no seu coração uma pessoa “crente”. E fique de olho!

Esta lição se aplica aos casados também! Que aplicações pode ter para os que já fizeram uma “sociedade” ou já se casaram? Vamos considerar duas possibilidades. E, por favor, lembre-se do sentido bíblico dos termos!

1. Nenhum dos dois cônjuges é “crente”. Talvez levem um destes rótulos: “católicos”, “protestantes” ou “evangélicos”. Mas não são “crentes” de verdade! Não será que muitas das dificuldades que enfrentam resultam disto? Podem ser uma ou mais destas: falta de propósito, de prazer, de amor, de alegria; inversão de valores e prioridades; filhos malcriados, desobedientes e rebeldes; brigas, ofensas, infidelidade, vícios, separação, divórcio... Isto tem jeito! Este lar está precisando de Deus, de Jesus, de Bíblia, de oração, de conversão! Marido e mulher (e os filhos) precisam concordar sobre isto... e buscar juntos. O Novo Testamento narra a conversão de famílias inteiras, de uma só vez (Leia At 16.14-15; At 16.29-33).
2. Um dos cônjuges é “crente”, o outro não. O “crente” não atentou para a recomendação bíblica contra o “jugo desigual” ou se converteu depois de casado. E os problemas estão aí: interesses, prioridades, conceitos, costumes... tudo muito diferente! Está difícil fazer acordo! O “crente” crê sozinho, lê a Bíblia sozinho, ora sozinho, vai a igreja sozinho, adora a Deus

sozinho, ouve os estudos e os sermões sozinho... Fica triste, desanimando e acaba parando com tudo isso. Quando não, querendo manter a fé a todo custo, impõe, discute, prega, corrige.. Alguns pensam até em separação. Leia o que Paulo recomendou e a possibilidade que mencionou em I Co 7.12-16. Note que o cônjuge “cristão” ou “crente” pode “salvar” o cônjuge “não-cristão” ou “incrédulo” (Quem salva é Jesus, mas o cônjuge crente é o instrumento).

O cônjuge “crente” deve orar pedindo a Deus que o(a) perdoe por não ter levado a sério o mandamento referente ao “jugo desigual” ou, quando não, entender que, se Deus o(a) converteu, pode converter também o seu cônjuge. Ore por isso, tenha paciência, não pressione; mostre com sua vida, não com sermões, que vale a pena ser “crente”.

Se você é o cônjuge “incrédulo” ou um “não praticante”, sugerimos que leia os evangelhos, faça este curso até o fim, não se oponha ao seu cônjuge “crente”, não seja preconceituoso e muito menos orgulhoso. Deus o ama, Cristo morreu na cruz para salvar você e o seu lar. Aproprie-se também desta bênção, que já é do seu cônjuge!

“Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3.3)

Pr. Éber Lenz César. Partes desse curso são uma tradução livre, resumo e adaptação de mensagens escritas por Richard L. Strauss, Th.M., Th.D., sob o título “Marriage is for Love” (1998, Biblical Studies Press. www.bible.org)